

O NOSSO CONHECIMENTO NINGUÉM TIRA: 20 ANOS DA LEI Nº 10.639/2003 - CARTACONVERSA COM ANIELLE FRANCO

<https://orcid.org/0000-0002-4479-0230> Anielle Franco^A
<https://orcid.org/0000-0003-1570-9816> Patrícia Baroni^B
<https://orcid.org/0000-0003-0233-7697> Allan Rodrigues^C
<https://orcid.org/0000-0002-6196-0211> Rafael Ferreira de Souza Honorato^D

^A Ministério da Igualdade Racial (MIR), Brasília, DF, Brasil

^B Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^C Universidade Estácio de Sá (UNESA) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^D Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Monteiro, PB, Brasil

Correspondência: Patrícia Baroni (patyybarone@gmail.com)

Prezada Leitora, Leitor e Leitor,

Esperamos que esteja bem.

Escrevemos esta *cartaconversa*¹ para partilhar aquilo que temos descoberto em nossas caminhadas/jornadas, uma andança difícil! Sabe? A luta é sempre um motor para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e democrática. Neste contexto, queremos compartilhar com você o cerne de nossas lutas: a libertação dos oprimidos na busca pela reafirmação do sujeito. Não podemos prever como um opressor reagirá ao *lerouvir* estas *falasescrtias*, ou, mais precisamente, como um racista reagirá. No entanto, conhecemos as possibilidades quando essas *falasescrtias* caem nas mãos dos oprimidos. A libertação é um esforço coletivo!

Deste modo, queremos afirmar que é possível um mundo diferente, com outras perspectivas e conhecimentos diversos. Durante décadas, partimos de um modelo eurocentrado para compreender o mundo, mas nossa luta tem sido trazer à tona novas narrativas e formas de conceber a realidade. Afinal, isso não é o que define um "cientista"? Com isso em mente, compartilhamos esta *cartaconversa* para transmitir a possibilidade de um mundo alternativo. No entanto, estamos ansiosos para colaborar com outras vozes e escritas, porque, como bell hooks² (2019) nos lembrou, a escrita é essencial - é a forma como expressamos nossos pensamentos no papel.

Nesta *cartaconversa*, com a participação da Ministra Anielle Franco, uma renomada professora, jornalista e ativista brasileira que também atua como diretora do Instituto Marielle

¹ Juntar termos dicotomicamente compreendidos pela ciência positivista moderna, como se se tratasse de processos e ações antagônicos, no intuito de pôr em questão tal cisão e mostrar as relações de retroalimentação e diálogo entre ambos é uma aposta muito cara ao campo dos estudos com os cotidianos.

² A autora sempre fez questão de o nome dela ser grafado em letras minúsculas.



Franco e está como ministra da Igualdade Racial do Brasil, compartilhamos histórias que nos levam a refletir sobre a vida, nossas próprias vidas, sua vida e a vida dela. Assim, recordamos a importância das políticas públicas na promoção da igualdade racial, no combate ao racismo, no fortalecimento da justiça social e na promoção de práticas antirracistas. Esse diálogo também nos proporcionou a oportunidade de explorar diferentes maneiras de viver, pois a escrita está profundamente entrelaçada com a vida.

Entretanto, não espere encontrar apenas um texto acadêmico, mas sim mergulhe nas histórias das nossas vidas e nas formas de construir a existência. Esta *cartaconversa* é escrita com o propósito de dar significado e desafiar o arquétipo do sujeito eurocêntrico. Leitora, Leitor e Leitor, saiba que escrevemos permeados por sentimentos de saudade, mas, ao mesmo tempo, abordando uma questão da justiça! Neste caso, apesar das reflexões acadêmicas, nosso foco principal é explorar quem somos, como nos formamos nas redes educativas e como colaboramos para *pensarfazer* coletivamente.

Por agora, vamos *falarescrever* o que nossa Ministra tem a dizer, narrando suas experiências, seu modo de ser e de habitar o mundo, assim como sua nova jornada à frente do Ministério. Por isso, organizamos nossa *cartaconversa* em subtópicos que representam nossas reflexões. Essa narrativa pode ser apreciada de diversas maneiras, mas desejamos que seja uma leitura agradável para você.

Bem, agora vamos mergulhar nas narrativas de Anielle.

Nossos sonhos são coletivos?

Anielle Franco: Eu começo dizendo que fui cotista. Eu sou fruto da Lei de Cotas! Eu ingressei na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 2012 e só eu sei o quanto foi difícil permanecer numa universidade. Era uma universidade branca, que não entendia de onde eu vinha. Eu sou “cria” da favela da Maré com muito orgulho. Eu sou irmã de Marielle Franco com muito orgulho. Pensar nas alunas, nos alunos e em alunes na universidade pública hoje é fazer esse gancho de vinte anos para cá, de dez anos para cá... e o que mudou? Eu me lembro perfeitamente de que o que me manteve na UERJ foi o auxílio que eu recebia no valor de trezentos reais. Eu sei da importância que foi ter entrado por cota. Mas não poderia deixar de mencionar também o que era mais interessante: os olhares dos outros sobre a cotista. Sobre

isso, um breve resumo: eu saí do Brasil com dezesseis anos para jogar vôlei nos Estados Unidos e eu fui com bolsa de estudos.

Quando eu retornei para o Brasil e entrei para a UERJ, eu ouvi de muitos de meus colegas que, por ser cotista, provavelmente eu não saberia falar inglês. E não foram poucas as vezes em que fui questionada: “Você passou em primeiro lugar na cota?” “Como assim você é da Favela da Maré e fala inglês?” Eu ouvia isso. Eu tive durante a graduação uma única professora negra na UERJ que também ouvia e era igualmente questionada em muitas coisas. Quando eu chegava na secretaria acadêmica, por diversas vezes, só perguntavam se eu estava ali reivindicando bolsa. Como se trezentos reais resolvessem muito a vida de alguém! Mas, enfim, a bolsa ajudava. Só quem pega dois ônibus e trem para chegar na universidade sabe o que é que é isso. E eu estudei numa época em que não havia ainda o restaurante universitário, então eu precisava levar a comida de casa e, às vezes, a comida estragava.

O conhecimento é nosso?

Anielle Franco: Eu sou professora desde os meus dezessete anos. O conhecimento da gente ninguém tira. Não importa se precisarmos enfrentar professor racista: o conhecimento da gente ninguém tira. Nenhum desses racistas sabe o que é pegar três ônibus e um trem. Os racistas não sabem. Nós sabemos. Quando nós falamos da Lei de Cotas, quando falamos da Lei Nº 10639/2003, nos perguntamos por que essas leis não foram aplicadas como deveriam. A resposta é: por conta do racismo. Nós ainda não temos professores formados para lidarem com estudantes negros porque falta empatia. Eu me formei para ser professora de inglês e eu me tornei a melhor professora possível, porque eu preciso ser a melhor. Então, eu comecei a dar aula em Bonsucesso, dei aula na Maré, dei aula na Zona Sul. Eu sinto muita saudade da sala de aula porque eu acho que não existe lugar melhor de conexão, não tem lugar melhor onde a gente possa aprender, ouvir. Sendo professora, eu já separei briga de namorado em sala de aula, já tive que conversar com pai que chegou na escola para agredir o filho que assumiu a homossexualidade, já tirei dinheiro do meu salário para pagar lanche para o meu aluno ou para pagar passagem. Só consegue ter a empatia, quem já passou por essas questões. Então, eu considero inadmissível, em 2023, ainda haver professor racista, ainda haver professores que chegam em sala de aula e não entendem o que é ter um aluno que vem da periferia, de outros municípios. Eu sei bem por que já passei por isso.

Empatia com estudantes trabalhadores

Anielle Franco: Eu vou contar uma história pessoal. Na época em que estudei na UERJ, só era possível realizar o estágio nos horários da manhã ou da tarde. Na coordenação de estágios do curso, sempre respondia negativamente às demandas dos estudantes trabalhadores: “Não! A gente não consegue mudar”. Eu sempre questionava: “a gente não consegue mudar? As pessoas trabalham das 8h às 18h... vai ter que mudar!”. Foi nesse momento que uma pessoa da secretaria falou para mim: “Faz abaixo-assinado! Recolha aí umas mil assinaturas!”. Então, eu falei: “Você quer abaixo-assinado? Vamos fazer abaixo-assinado!”. Fizemos 1, 2, 3... Fizemos 10 abaixo-assinados. Quando eu me formei, o professor homenageado, Bruno Deusdará, me trouxe flores em nome da secretaria e disse que eu havia revolucionado a faculdade. Eu nem imaginava o que eu estava fazendo porque, assim como eu, vários colegas de sala não conseguiam terminar o estágio, e eu terminei a licenciatura e o bacharelado em quatro anos porque eu vivia pedindo para trocarem o horário do estágio. Estudante preto trabalha! Estudante preto sustenta a casa! Isso porque preciso mencionar também as estudantes pretas que são mães. Eu levei muitas vezes a minha filha para a sala de aula. Esse tipo de empatia só tem quem já passou por essas situações. Para estar no lugar onde eu estou hoje, para ser da família de quem eu sou, eu tenho que ter valores. Eu tenho um nome a zelar. Então, eu não posso errar com o povo preto. Eu não posso errar com mulher preta. Eu não posso errar em lugar nenhum. Sabe por que eu não posso errar? Porque se eu errar, ninguém irá culpabilizar o governo: será a Anielle Franco, irmã da Marielle Franco, que é diretamente alvo político do desgoverno que nós tivemos até o final do ano de 2022.

Efeitos e desafios da implementação da Lei de Cotas e da Lei 10.639/2003

Anielle Franco: Eu entro hoje na universidade e sou sempre recebida por tanto aluno e aluna negra... Isso me fortalece! Isso me faz entender que estamos no lugar certo. Mas quando nós falamos da Lei de Cotas, nós também precisamos falar de acesso e de permanência. Não é possível debater a Lei Nº 10.639/2003 ou fazer um balanço dos dez anos da Lei de Cotas se não tratarmos da permanência desses estudantes. Como eu disse anteriormente, o auxílio permanência me salvou. Falta empatia para com o estudante que vem de longe. Esses estudantes muitas das vezes não têm o que comer. Então, o meu convite para os professores

nas universidades que não conseguem fazer esse deslocamento é de que se coloquem nos lugares [desses alunos] e reflitam.

Por outros projetos de universidade? O que descobrimos?

Anielle Franco: Quando eu saí da graduação na UERJ e entrei no Curso de Mestrado em Relações Étnico-raciais no CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica) sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Fátima Lima, eu senti muito orgulho. Se tem uma mulher no meio acadêmico que me ensinou muita coisa, ela é a Professora Fátima. No processo seletivo para o mestrado, eu fui questionada sobre a dificuldade de produzir uma dissertação tão mergulhada na minha experiência. Eu ia pesquisar sobre as mulheres negras após o assassinato da minha irmã. Aquele questionamento durante o processo seletivo me incomodou muito e depois eu fui entender que é impossível a gente se dissociar daquilo que nós pesquisamos. Eu era a protagonista daquela pesquisa e eu podia escrever em primeira pessoa. A academia não gosta das produções escritas em primeira pessoa. Eu junto essa reflexão ao fato de ser doutoranda em Linguística Aplicada na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). A UFRJ era uma “coisa” muito longe para mim. Eu passava na Maré, olhava aqueles prédios universitários e pensava: “que universidade linda, mas eu nunca vou conseguir entrar lá”. É distante para quem é preto e favelado. Toda vez em que eu entrava no CEFET ou na UERJ ou na UFRJ, eu me lembrava de quem veio antes de mim. Quem é a nossa raiz? Quais são os nossos valores? De onde nós viemos? Quem foi que nos impulsionou? Filho, filha, mãe, pai, tio, tia, tem sempre alguém por trás que nos impulsiona a estar onde estamos. E é aí que se liga na minha frase já dita aqui: o conhecimento da gente ninguém tira.

Marielle presente na pós-graduação

Anielle Franco: Minha irmã tinha o sonho de fazer o doutorado. Ela terminou o mestrado na UFF (Universidade Federal Fluminense) com muita luta. Eu me lembro de que toda vez em que eu a acompanhava no trajeto da comunidade da Maré até a cidade de Niterói/RJ onde fica a universidade, ela dormia na barca. Eu achava que ela estava lendo, estudando, mas ela dormia, porque o cansaço era enorme. É surreal o que o povo preto precisa fazer para conseguir um diploma. Mas sabe o que fica de toda essa luta? Que toda menina preta que hoje

está passando por esses enfrentamentos, tal como eu e minha irmã passamos, também irá conseguir! Eu sei que muitas meninas pretas sofrem hoje, choram, estão exaustas com as suas crias, mas vão conseguir. Era exatamente o que a minha irmã fazia e foi exatamente o que eu fiz para terminar o meu mestrado. Eu tinha duas filhas no final do curso. Eu colocava as meninas para dormir às oito da noite, estudava até às onze, acordava às quatro ou cinco horas da manhã e as deixava na escola às oito da manhã. E todo dia era assim.

Quando mataram a minha irmã, eu tive muita raiva. E eu não sabia mensurar o que eu faria com aquela raiva. Eu perdi vários empregos como professora de inglês, eu comecei a ser maltratada na rua, as pessoas passavam por mim, me xingavam, me cuspiam. Então, eu comecei a me perguntar: “Se fosse a Marielle no meu lugar, o que ela faria?”. E eu passei a ter essa pergunta comigo. Quando eu cheguei no lugar do crime dela e pensei: “Meu Deus, se fosse ela aqui?” Cheguei no velório e a mesma coisa. Cheguei no IML e a mesma coisa. E eu sempre ficava com essa pergunta para mim. Porque eu cresci vendo a minha mãe e a minha irmã se virarem em mil ao lado do meu pai que sempre trabalhava num horário fixo e elas estavam sempre fazendo muita coisa para que eu pudesse sobreviver. O meu sonho de menina é ser professora universitária. Eu cresci dando aula para as minhas bonecas. Então eu tinha que fazer alguma coisa com aquela raiva que eu sentia. Sabe quando eu consegui entender o que eu poderia fazer? Quando eu ingressei no mestrado, sob orientação da Professora Fátima, e comecei a ler. Eu comecei a entender que não era possível para aquelas pessoas compreenderem uma mulher preta de favela com um histórico de sucesso acadêmico, profissional e político.

Aquilombar a partir das mulheres Negras. Outro mundo é possível?

Anielle Franco: No mestrado eu comecei a acessar os textos de Audre Lorde. Eu comecei a me munir de conhecimento de intelectuais negras depois da morte da minha irmã. Antes de ingressar no mestrado, eu não tive nenhum outro professor que me apresentasse essas intelectuais. Então, eu aproveitei esse espaço para convidar os docentes e os discentes para que possamos ter uma educação verdadeiramente antirracista. Precisamos nas salas de aula falar de bell hooks, falar de todo mundo que a gente possa, não só de estrangeiras, mas as brasileiras principalmente. Angela Davis, quando veio no Brasil em 2019, falou: “eu não sei por que vocês me convidam sempre para palestrar! Eu gosto da Sueli Carneiro, eu gosto da

Luiza Bairros, eu gosto de ler as brasileiras”. E foi ótimo ouvir aquilo, porque tem tanta gente maravilhosa! Eu tive a oportunidade de entrevistar a Cida Bento no *Roda Viva* e, cada vez que eu paro para ler o livro dela *O Pacto da Branquitude*, eu vejo o quão importante são as nossas produções intelectuais.

É possível pensar uma escrita como sobrevivência?

Anielle Franco: Se tem uma coisa que me salvou da raiva quando eu perdi a minha irmã, foi a minha escrita. Escrevam! Produzam! Leiam cada vez mais! Ninguém vai tirar isso de nós. Nós precisamos nos munir de conhecimento. Porque quando eu fui convidada a fazer uma palestra na Califórnia, eu ouvi de uma brasileira o seguinte deboche “você acha que você vai aonde? Era só que faltava, né? A negrinha achar que fala inglês!”. Isso foi em 2019. Eu respondi: “Eu não acho, não! Eu falo e ensino! Mas eu vou subir”. É óbvio que na hora você tem uma resposta automática, mas, por dentro, só quem ouve isso sabe o que sente. É o racismo de todos os dias que assola os nossos jovens, que assola as pessoas e as impede de ingressar na universidade. Aliás, por que há tanta evasão nas universidades? Porque as pessoas não têm como se manter, não têm permanência para os alunos.

Quais são as ações do Ministério da Igualdade Racial para a eficácia da Lei 10.639/03?

Anielle Franco: É muito grave o que a gente vivenciou nos últimos anos, mas eu queria também dizer, ao mesmo tempo, é simbólico hoje Anielle ser ministra da Igualdade Racial. Eu falei com o presidente Lula: eu quero entregar trabalho, porque eu tenho que entregar trabalho. Sabe por quê? O povo preto tem urgência! Por que a Lei Nº 10.639/2003 não é aplicada? Nós temos dentro do Ministério uma Secretaria de Políticas de Ações Afirmativas, onde nós monitoramos e fazemos diagnósticos. E eu bato na porta dos outros ministros o tempo inteiro! Se eu mandar uma mensagem: “Ah, quero uma reunião”. Se não me responderem naquela semana, na semana seguinte eu vou mandar de novo. No dia 21 de março de 2023, nós conseguimos a assinatura do Decreto Federal nº 11.443, que dispõe sobre o preenchimento por pessoas negras de percentual mínimo de 30% nos cargos em comissão e funções de confiança no âmbito da administração pública federal. Isso nunca tinha sido feito antes. Eu chorei, eu me emocionei, eu respirei fundo... porque foram semanas incansáveis. A

Ministra da Gestão e da Inovação dos Serviços Públicos, Professora Esther Dwek, me ajudou muito e nós caminhamos juntas para obter a assinatura desse decreto. Esse ato político é imensurável. Nós teremos pela primeira vez a ocupação de 30% dos cargos da Esplanada. Vai ser a esplanada mais negra que este país já teve. Não são apenas os cargos básicos, são também os cargos de liderança e isso é importante. É fortalecedor fazer parte de um governo que está de fato se importando com questões raciais. O dia 21 de março de 2023 para todos nós ficará na história. Em diálogo com a Secretaria de Políticas de Ações Afirmativas, eu sempre bato na mesma tecla e falo: “A lei de cotas é a maior política reparatória desse país”. Se nós tínhamos no início dos anos 2000 menos de 20% de alunos negros na universidade, hoje isso triplicou. Mas para isso nós precisamos manter a lei de cotas lá. E essa tem sido a minha principal conversa junto ao atual Ministro da Educação, professor Camilo Santana: não basta fortalecermos a Lei de Cotas. Precisamos aprimorá-la. Precisamos fazer com que os alunos permaneçam na universidade.

A luta dentro/fora do Ministério?

Anielle Franco: No dia 12 de abril de 2023, eu fui sabatinada na Comissão de Direitos Humanos (CDH) e apresentei o planejamento estratégico da pasta, com um balanço das ações implementadas nos primeiros cem dias de governo. Apresentei os programas em defesa dos quilombolas, tratei das nossas preocupações com a saúde da população preta, elencamos a importante parceria com a Ministra da Saúde, Professora Nísia Trindade Lima, nessa construção. Nós sabemos também que é impossível falar de educação e de acesso sem falar do combate ao genocídio da população preta. E aí é onde eu queria dizer que nós estamos incansáveis na luta por garantia de direitos da população preta e, para isso, nós temos uma assessoria de participação social. É impossível saber o que está acontecendo nas favelas sem ter gente indo para lá trazendo os dados para nós. Nós precisamos dessa via de mão dupla. Nossa primeira ação foi criar um banco de currículos. Era comum ouvir: “Nós queremos contratar pessoas negras, mas nós não achamos pessoas com a qualificação que esperamos”. E foi assim que começamos a fazer um banco de currículos. Até março de 2023, nós tínhamos aproximadamente seis mil currículos no banco. Mas eu não quero somente recolher os currículos para criar arquivo. Por isso, nós pedimos autorização ao emissor do currículo para compartilhar. Então, toda vez em que há uma solicitação, nós sempre recebemos e cuidamos

do encaminhamento desses currículos de pessoas pretas. Toda vez em que há reunião no âmbito do governo, eu explico que existem pessoas negras qualificadas para entrarem em todos os espaços profissionais. Quando alguém entra no meu gabinete, normalmente diz: “Nossa, como tem gente preta!” Aí, eu falo: “Eles existem”!

Como é possível combater o racismo nas trincheiras cotidianas?

Anielle Franco: É por isso que eu penso que essa troca, esse entendimento, esse acolhimento para os alunos, precisa ser diário. Nós não podemos fechar os olhos e abaixar a cabeça para o que a população brasileira viveu entre 2016 e 2022. Nós sabemos e entendemos que existem 58 milhões de pessoas que pensam diferente do governo atual, e sobre isso é muito importante tecer diálogo. Eu sei que, às vezes, é muito difícil. Por diversas vezes, eu tento conversar com alguém que pensa diferente de mim, mas o meu interlocutor já começa me agredindo, me xingando. Nesses casos, eu viro as costas e saio. Eu tenho razões para defender a equidade racial, para lutar por um decreto que dispõe sobre a equidade racial nos cargos comissionados do governo, para defender a existência do Ministério da Igualdade Racial. Mas para assumir essa defesa, eu precisei me munir de conhecimento. Por muitas vezes, eu escutei: “Ela não tem capacidade, ela é só a irmã da Marielle”. E eu respondo: “Só? Não! Eu sou irmã da Marielle, mas, para além disso, eu tenho quatro faculdades, dois mestrados e estou no doutorado. Nós podemos conversar se você quiser continuar!”. Não é para me gabar que eu respondo desta forma. É para colocar racista no lugar de racista. Quando eu falo que é para colocar racista no lugar, é para colocar no lugar com o nosso conhecimento. Nós precisamos ter letramento racial, ter acesso, ter permanência, ter troca. Eu não seria hoje quem eu sou, a mulher que eu sou, se não fossem os meus pais, se não fosse a minha irmã, se não fosse a minha força de vontade também. É claro que tem a fé também e eu tenho muita fé. Tudo isso me faz uma mulher mais forte. Quando eu fiquei com menos três escolas para trabalhar, eu tinha uma filha para criar e estava saindo de um relacionamento abusivo. Eu olhava para minha filha e me perguntava: “O que eu vou fazer?”. A mulher preta se reinventa. Eu comecei a dar aula particular, eu comecei a vender doce, eu comecei a escrever.

É possível pensar uma política como afeto?

Anielle Franco: Nós nos reconhecemos na dor, na dororidade, mas nós também nos reconhecemos no amor. Sabe por que a minha irmã infelizmente não está aqui? Porque ela fazia política com afeto. Está para nascer alguém que tenha feito política como Marielle Franco. Eu me orgulho muito de falar disso, porque não se trata de menosprezar outras pessoas que estejam hoje na política. É porque nós temos um jeito diferente de lidar com as questões e com as relações. Nós sabemos de onde viemos. Nós só sabemos aonde chegaremos porque sabemos de onde viemos. Eu espero ser professora de uma universidade depois disso tudo. É um sonho de infância e de adolescência. Eu não vou mudar nunca quem eu sou porque eu estou Ministra da Igualdade Racial. Não importa o cargo que eu venha a ocupar. Eu vou continuar sendo Anielle, da Maré, professora, aluna, fundadora do Instituto Marielle Franco. Eu sei que é muito difícil. Eu chorei muito em 2018 e eu ainda choro. Eu acho que eu nunca vou entender por que ocorreu isso com a minha irmã. Mas, quando eu entro numa sala de aula, eu penso no meu passado e eu penso onde eu estou, e eu penso o quanto de esperança nós nesse momento estamos trazendo para o povo preto.

Vamos nos despedindo

Esperamos que você, leitora, leitor, leitor, tenha apreciado esta *cartaconversa* que compartilhamos aqui. Ao longo da narrativa de Anielle Franco, torna-se evidente que nossas lutas são coletivas. São lutas que visam à inclusão do povo negro nas universidades, na esfera política e na promoção de práticas antirracistas. Nesse contexto, desejamos destacar a metáfora do pássaro *Sankofa*, como um lembrete poderoso sobre a importância dos processos formativos e, especialmente, o trabalho coletivo como espaços de luta. Você percebeu, na narrativa de Anielle, como a ideia de coletividade é fundamental para uma educação antirracista? E o que você tem refletido sobre isso em seu ambiente de trabalho ou em sua sala de aula?

Sankofa nos instiga a recuperar o que ficou para trás, a não desperdiçar experiências que não podem ser descartadas em nome da globalização ou de promessas de um futuro salvacionista pelas forças internacionais, pelos brancos e pelos sistemas econômicos racialmente discriminatórios. Então, influenciados por esse pássaro mítico, tornando-o um verbo, podemos dizer que *Sankofar* os currículos significa permitir que construamos um futuro fundamentado em nossas vozes e palavras, como ensinado por bell hooks (2019, p. 39):

“Esse ato de fala, de erguer a voz, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeitos(as) – a voz liberta”.

Apesar do termo *Sankofar* não encontrar expressão na língua ou na literatura portuguesa, queremos desencadear a ideia de que *Sankofar* relações sociais e educacionais permite a descolonização de princípios enraizados em pensamentos hegemônicos e eurocêntricos, visando, assim, conceber um coletivo docente vibrante e poderoso, que nunca solta a mão de ninguém. Esta parece ser uma das premissas epistemológicas que orientam os princípios da Lei 10.630: unir, narrar, coletivizar, compartilhar, poetizar e humanizar as escolas, os currículos e os professores. Assim como na lenda do pássaro, que está ligado ao tempo, voamos e percebemos que o tempo é mais do que uma expansão do futuro, é um retorno ao que esquecemos ou deixamos para trás.

Logo, para nós, *Sankofar* esta *cartaconversa* significou perceber, juntamente com Anielle, a necessidade de estarmos atentos e fortes diante do racismo estrutural. Conforme aprendemos com Aimé Césaire (2010), é crucial dismantelar o sujeito da estrada colonial, o que se relaciona com a abordagem que desenvolvemos nesta conversa. Por fim, esperamos que esta *cartaconversa* tenha proporcionado um vislumbre de outras histórias da comunidade negra, novas maneiras de viver e lutar neste mundo.

Para concluir, deixamos uma mensagem de Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p.23):

A única história cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história. Mas há outras histórias que não são sobre catástrofes. E é muito importante, é igualmente importante, falar sobre elas.

Despedimo-nos com uma pergunta: Que histórias você tem para compartilhar conosco?

Rio de Janeiro, 20 de setembro de 2023

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.

HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.